

A questão da formação docente ao lado da reflexão sobre a prática educativa ~~profissional~~ em favor da autonomia do ser dos educandos é a temática central em torno de que gira este texto. Temática a que se incorpora a análise de saberes fundamentais à que-za prática e aos quais espero que o leitor crítico acrescente alguns que me tenham escapado ou cuja importância não tenha percebido.

Devo esclarecer aos prováveis leitores e leitores o seguinte: na medida mesma em que esta vem sendo uma temática sempre presente às minhas preocupações de educador, alguns dos aspectos aqui discutidos já têm sido estranhos a análises feitas em livros meus anteriores. Não creio, porém, que a retomada de problemas entre um livro e outro e no corpo de um mesmo livro enfada o leitor. Sobre tudo quando a retomada do tema não é pura repetição do que já foi dito. No meu caso pessoal, retomar um assunto ou tema tem que ver principalmente com a marca oral de uma escrita. Mas tem que ver também com a relevância que o tema de que falo e a que volto tem no conjunto de objetos a que dirijo minha curiosidade. Tem que ver também com a relação que certa matéria tem com outras que vêm emergindo no desenvolvimento de uma reflexão. É neste sentido, por exemplo, que me aproximo de novo da questão da invenção do ser humano, de sua inserção no permanente movimento de procura, resistência a curiosidade inquisidora e crítica, virando epistemológica. É neste sentido que resisto em me formar e muito mais do que permanentemente treinar e educando ~~para~~ destruí-lo. E por que não dizer também quase obstinação com que falo de meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e às mulheres, assunto de que sou e a que volto com o gosto de quem a ele se dá pela primeira vez!! Daí a crítica permanentemente presente em mim à malva de uso liberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua

necessa inflexível ao sonho e à utopia.

Dai o tom de raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os "esfarrapados do mundo". Dai o meu menhuma interesse de, não importa quem arde, por assumir um ar de observador "imparcial", "objetivo", "seguro", dos fatos e dos acontecimentos. Em tempo algum pode ser um observador "aciuzentada mente" imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética. Quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador necessariamente em erro. O erro, na verdade, não é ter um ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que, mesmo de acordo de seu ponto de vista, é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele.

O meu ponto de vista é o dos "condenados da Terra", o dos excluídos. Não aceito, porém, em nome de nada, ações terroristas <sup>deixar</sup> pois que resultem em morte de inocentes e a insegurança de ferres humanos. O terrorismo nega o seu deuto chamando ética universal do ser humano. Esteer com os árabes na luta por seus direitos mas não pude aceitar a revelação de do ato terrorista nas Olimpíadas de Moscou.

Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nostra responsabilidade profissional e professoral, a nossa tarefa docente. Sublinhar no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar esta responsabilidade igualmente à que cabe àquelles que se acham em formação para exercê-la. Este pequeno livro se encontra em estado de permeado em sua totalidade pelo sentido da necessária eticidade que convida expressivamente a natureza da prática educativa, enquanto prática formadora. Educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética. Mas, é preciso deixar claro que a ética de que se fala não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro. "Em nível internacional começa a aparecer uma tendência em aceitar os reflexos cruciais da "nova ordem mundial" com naturais

3 3<sup>#</sup>  
e inevitáveis. Num encontro internacional de  
ONGs, um dos expositores afirmou estar surtindo  
com certa presença em países do Primeiro Mundo  
a ideia de que crianças do Terceiro Mundo, acometi-  
das por doenças como diarreia aguda, não deveriam  
ser salvas, pois tal recurso só prolongaria uma  
vida já destinada à miséria e ao sofrimento. <sup>há</sup> há  
falo, obviamente, desta ética. Falo, pelo contrário, da  
ética universal do ser humano. Da ética que conde-  
na o cinismo do discurso citado acima, que conde-  
na a exploração da força de trabalho do ser huma-  
no, que condena a acusar por ouvir dizer, <sup>apenas</sup> ~~que~~ que  
alguém falou A sabendo que foi dito B, falsear a  
verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e inde-  
fero, soterrar o espelho e a utopia, prometer sabe-  
do que não cumprirá a promessa, testemunhar  
mentirosamente, falar mal dos outros pelo  
fôsto de falar mal. A ética de que falo é a que se  
sabe traidora e negada nos comportamentos gros-  
seiramente imorais como na pervertida hipó-  
crita da pureza em puritanismo. A ética de  
que falo é a que se sabe afrontada na manifes-  
tação discriminatória de raça, de gênero, de  
classe. É por esta ética inseparável da práti-  
ca educativa, não importa se trabalhamos com  
crianças, com jovens ou com adultos, que deve-  
mos lutar. É a melhor maneira de por ela lutar  
é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la,  
vivas, aos educandos em nossas relações com  
eles. Na maneira como lidamos com os conteú-  
dos que ensinamos, no modo como citamos  
autores de cuja obra discordamos ou com cuja  
obra concordamos. Não podemos basear nossa crí-  
tica a um autor na leitura feita por cima de uma  
de suas ou outra de suas obras. Não ainda, tendo li-  
do apenas a crítica de quem só leu a outra capa de um  
de seus livros.

Posso não aceitar a concepção pedagógica deste ou da publica-  
ção e devo inclusive expor aos alunos as razões  
por que me oponho a ela mas, o que não posso, na minha

\* A Fala dos Excluídos em Cadernos Cedes

Regina L. Garcia  
Victor V. Valla

38 A fala dos excluídos  
1996.

crítica, é mentir. É dizer inverdades em torno deles.  
O preparo científico do professor ou da profes-  
sa deve coincidir com sua retidão ética. É uma lâ-  
mã qualquer descompasso entre aquela e esta. For-  
mação científica, correção ética, respeito aos outros, co-  
erência, capacidade de viver e de aprender com o dife-  
rente, não permitir que o nosso mal estar pessoal  
ou a nossa antipatia com relações ao outro nos façam  
descuidar-lo do que não fez, são obrigações a cujo cumpri-  
mento devemos humildes mas perseverantemente  
nos dedicar.

É não só interessante mas profundamente impor-  
tante que os estudantes percebam as diferenças  
de compreensão dos fatos, as posições às vezes anta-  
gônicas entre professores na apreciação dos problemas  
e no equacionamento de soluções. Mas é fundamen-  
tal que percebam o respeito e a lealdade com que um  
professor analisa e critica as posturas do outro.

De quando em vez, ao longo deste texto, volto a este  
tema. É que me acho absolutamente convencido da  
natureza ética da prática educativa, em primeiro pró-  
prio especificamente humana. É que, por outro lado,  
nos achamos, a nível do mundo e não apenas do Brasil,  
de tal maneira submetidos ao comando da malícia  
de tal maneira da ética do mercado, que me parece ser pouco lúdo  
o que fazemos na defesa e na prática da ética uni-  
versal do ser humano. Não podemos nos assumir co-  
mo sujeitos da procura, da decisão, da ruptura da  
opção, como sujeitos históricos, transformadores, a  
não ser assumindo nos como sujeitos éticos. Neste  
sentido, a transgressão dos princípios éticos é uma  
possibilidade mas não ~~uma~~ é uma virtude. Não po-  
demos aceitá-la.

Não é possível ao sujeito ético viver sem estar perma-  
nentemente exposto à transgressão da ética. Uma de nos-  
sas brigas na História, por isso mesmo, é exatamente  
esta: fazer tudo o que possamos em favor da eticidade,  
sem cair no moralismo hipócrita, ao gosto re-  
conhecido farsaico. Mas, faz parte igualmente des-  
ta luta pela eticidade recusar, com segurança, as crí-  
ticas que vêm na defesa da ética precisamente a expor  
daquele moralismo criticado. Que vim, a defesa da é-  
tica jamais significou sua distorção ou sua negação.

Quando porém falo da ética universal do ser humano e-  
stou falando da ética enquanto marca da natureza huma-  
na, enquanto algo absolutamente indispensável à consci-  
ência humana. <sup>Infelizmente a meu pensamento,</sup> Ao fazê-lo, estou advertido das possíveis  
críticas que virão apontar-me como ingênuo e idealista.  
Na verdade, falo da ética universal do ser humano da  
mesma forma como falo de sua vocação ontológica  
para o ser mais, como falo de sua natureza constitutiva  
indo-se social e historicamente em como um a  
priori da história. A natureza que a ontologia cuida  
se gesta socialmente na história. É uma natureza  
em processo de estar sendo com algumas constatações  
fundamentais sem as quais não teria sido possível  
reconhecer a própria presença humana no mundo lo-  
cally algo original e singular. Quer dizer, mais do que um  
ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença  
no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, re-  
conhecendo a outra presença como um "não-eu" se re-  
conhece como "si própria". Presença que se pensa a si mes-  
ma, que se sabe presença, que interveio, que transfor-  
ma, que fala do que faz mas também do que soube,  
que constata, compara, avalia, valoriza, que decide, que  
rompe. É no domínio da decisão, da avaliação, da  
liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a ne-  
cessidade da ética e se impõe a responsabilidade.  
A ética se torna inevitável e sua transgressão  
possível é um desvalor, jamais uma virtude.

Na verdade, seria insuperável se a consciência de  
minha presença no mundo não significasse já a im-  
possibilidade de minha ausência na construção  
da própria presença. Como presença consciente no mun-  
do não posso escapar à responsabilidade ética no meu  
mover-me no mundo. Se sou puro produto da deter-  
minação genética ou cultural ou de classe sou respon-  
sável pelo que faço no mover-me no mundo e se care-  
ço de responsabilidade não posso falar em ética. Isto  
não significa negar os condicionamentos genéticos, cul-  
turais, sociais a que estamos submetidos. Significa re-  
conhecer que somos seres condicionados mas não deter-  
minados. Reconhecer que a história é tempo de possi-  
bilidade e não de determinismo, que o futuro, permi-  
ta-se-me refletir, é problemático e não exorotável.

Devo enfatizar também que este é um livro esperan-  
çoso, um livro otimista, mas não ingenuamente  
construído de otimismo falso e de esperança vã. As pes-  
soas, porém, inclusive de esquerda, para o quem o futuro per-  
deu sua problematidade, o futuro é um dado dado, dirão que ele é mais

24

política educativa de casar a radical, crítico ou libertador.

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade sem ela tampouco a sociedade muda.

Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo a distância entre o que dizemos e o que fazemos.

Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amadores da vida e dos outros.

ÚLTIMO ESCRITO